

## RECRIANDO CONTOS DE FADAS

Regina Chicoski  
UNICENTRO / Irati

Milenarmente o conto de fada atrai e seduz, especialmente as crianças do mundo inteiro. A linguagem metafórica dinamiza o imaginário, o onírico, o maravilhoso... que “deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira, para ser tratados como portas que se abrem para determinadas verdades humanas” (COELHO, 1998: 9).

Os contos de fadas, com ou sem a presença das fadas, mas sempre com a presença do maravilhoso, apresentam reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, duendes, metamorfoses, etc. Tendo como eixo norteador uma problemática existencial.

Os personagens normalmente deparam-se com provas, obstáculos que precisam ser vencidos para alcançar a auto avaliação ou o encontro com a amada.

Os contos de fadas são tão ricos que têm fonte de estudo para psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cada um dando a sua interpretação e se aprofundando no seu eixo de interesse. BETTELHEIM nos alerta que:

explicar para uma criança porque um conto de fadas é tão cativante para ela, destrói, acima de tudo, o encantamento da história, que depende em grau considerável, de a criança não saber absolutamente porque está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda do potencial da história em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a história estimulante para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil”. (BETTELHEIM apud ABROMOVICH, 1994: 122).

É muito forte a presença do maravilhoso, do fantástico nos contos. Porque o maravilhoso é poético, onírico, surrealista, vital, irracional, hiperbólico, emocional, maravilhoso é, sem dúvida, a naturalidade do impossível enquanto o fantástico seria a fabulação racional de outras possibilidades, ainda que sejam irreais.

Para GREIMAS (1973: 277) in REIZÁBAL (1999: 291), “o maravilhoso é a irrupção do mítico no cotidiano. O maravilhoso seduz, encanta, alegra, comove, produz fantasia, mas não surpreende; o maravilhoso é aceito como algo normal, até se espera que suceda, não implica transcendência nem estar fora deste mundo. O fantástico cria outro orbe, faz teoremas literários, requer outro cosmos”.

“Era uma vez” - assim começa geralmente para nós a maioria dos contos de fada, e então eles nos levam de volta a tempos distantes e desde muito passado, no qual acontecem coisas extraordinárias - impossíveis para o pensamento racional - e aí existem monstros, bruxas, fadas, mágicos ou animais falantes. É um mundo cheio de milagres, pelos quais um pastor de porcos se transforma em rei, uma cinderela em princesa, descobre-se um lugar onde pode-se encontrar a água da vida, certa lâmpada que atrai milagrosamente todos os tesouros do mundo, um anel com que se reina sobre o mundo, um cavalo com que se pode voar, um sapo que vira príncipe...

Essa mágica possibilidade, essa força dos contos encontra-se em seu poder de fascinar, no encantamento que faz com que o impossível torne-se possível, que as provas difíceis sejam superadas, que as metamorfoses sejam válidas... A escuta ativa dos contos deve continuar sendo um momento muito importante para as nossas crianças. A criança

precisa ouvir a história, mas não a interpretação, pois somente quando ela descobre espontânea e intuitivamente os significados de um conto este deixa de ser algo que se deu para a criança, para converter-se em algo que ela em parte criou. Os contos são uma lição existencial, social, moral, legível, coletiva e ficcional, mas não podemos esquecer que tudo isso é metafórico. As crianças acreditam nas fadas, nos ogros e nos gnomos, porque sabem que não existem.

Nessa perspectiva de encantamento, de sedução, os contos de fadas atravessaram gerações, séculos e continuam encantando as pessoas ainda hoje.

Os contos no decorrer dos tempos foram reeditados, simplificados e recriados.

Quem já não ouviu histórias em que um príncipe é transformado em sapo por uma bruxa e precisa conquistar uma princesa para que ela o beije e este volte a ser novamente o belo príncipe, por quem a princesa se apaixona imediatamente, casando-se em seguida e vivendo felizes para sempre.

Flávia Muniz, de forma muito criativa, produziu *Julinho, o Sapo*. A intertextualidade é uma marca bastante forte no texto de Flávia Muniz. A relação existente com contos de fada conduz o leitor a uma viagem intertexto. Lendo *Julinho, o Sapo*, logo pensamos em *O Rei Sapo*, história que apresenta um animal, no caso o sapo, que depois de prestar favores a uma princesinha, exige que ela cumpra a promessa de recebê-lo em seu castelo, fazê-lo sentar-se a mesa e dormir com ele. A idéia lhe causa repulsa, mas o pai obriga-a cumprir o que prometera. No quarto, irritada com a situação, atira o sapo na parede. Com o impacto ele se transforma num belo príncipe por quem a princesinha se apaixona e vivem felizes.

Essa é mais uma história em que o noivo é animal e passa por um processo de metamorfose.

Muniz começa o conto de forma clássica “Era uma vez”... Já no início da narrativa tem-se a informação de que o Sapo Julinho vivia a cantar na beira da lagoa, na esperança de ser beijado por uma princesa, virar príncipe e ir morar num belo palácio.

Incomodada com a situação, a coruja - notável em sabedoria - sugere que o Sapo Julinho deixe de cantar boleros ultrapassados e cante rock.

Tem-se o primeiro indício que a história acontece em tempos atuais. O signo rock e a guitarra indicam claramente a contemporaneidade.

Julinho atende aos conselhos da Coruja e num ritmo alucinante canta sem parar. O ilustrador Iacocca explora esse novo ritmo, ilustrando o som frenético que contagia os animais e o espaço. Até a lua fica incomodada com o barulho. A influência da música americana no contexto sócio-cultural brasileiro é evidente na expressão: “It’s now or never”...

Na seqüência da história, a própria ilustração dá pistas ao leitor de que as coisas vão melhorar. O nascer do sol refletindo nas águas, a árvore florida criam uma atmosfera romântica. Uma princesa japonesa se aproxima conduzida pela música. Um sapo cantor de rock com possibilidades de se transformar em príncipe alto, loiro e bonito, era tudo o que ela queria. Aqui o estereótipo de príncipe é evidenciado.

A princesa chegou e “não esperou nem um tico”, deu-lhe uma beijoca e Julinho continuou sapo. A autora explora signos da oralidade ao dizer “não esperou nem um tico”.

Decepcionada, atira o sapo na lagoa e volta para seu castelo. E ele apaixonou-se e só pensa nela. Pois nunca vira uma princesa atirar um sapo numa lagoa com tanto charme.

Em *O Rei Sapo* a mocinha atira o sapo contra a parede. Em *Julinho, O Sapo*, a princesa atira-o na lagoa. O mesmo gesto se repete em ambas as histórias. Na primeira, quanto mais o sapo se aproxima fisicamente, mais ela sente repulsa e ansiedade, especialmente de ser tocada. Segundo BETTELHEIM (1980: 328) “o despertar do sexo não esta isento de repulsa ou ansiedade, até de raiva. A ansiedade se transforma em raiva e ódio. Mas a ansiedade transcende e o ódio vira amor”. Na segunda, também o sentimento de repulsa e ódio

atingem a princesa quando beija o sapo e ele permanece o mesmo. Depois de ser atirado na lagoa a sapo apaixonou-se pela princesa e vai em busca do amor dela.

Decidido a lutar por seu amor, vai até o castelo, segue a princesa por toda a parte, sempre cantando rocks do momento, até que a princesa decide se casar com ele. Afinal, um príncipe de verdade era coisa difícil naqueles dias.

A partir desse momento há uma quebra na estrutura narrativa, rompendo com o conto de fada tradicional, dando um final inusitado. Na hora do casamento Julinho sapecou-lhe uma beijoca e a princesa num zás-trás virou uma sapinha japonesa muito simpática.

*“Hoje vivem num sobradinho ali no brejo, pulando de cá pra lá. Pararam de comer insetos e agora só comem pudim de arroz. Também estão pensando em formar uma banda de rock, com vocal e dançarinos formados por seus 375 filhotinhos”.*

E a autora finaliza: “Quem espalhou essa bobagem de que as histórias devem terminar sempre do mesmo jeito, em hein?” Recriando, assim, um conto de fada.

### **Referências bibliográficas**

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gosturas e Bobices*. São Paulo, Scipione, 1994.  
BETTELHEM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.  
COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas*. São Paulo, Ática, 1998.  
DIECKMANN, Hans. *Contos de Fada Vividos*. São Paulo, Paulinas, 1986.  
FRANZ, Marie Louise von. *A Interpretação dos Contos de Fada*. São Paulo: Paulinas, 1990.